

Impasse com Inglaterra não existe, diz banqueiro

O presidente do Banco Econômico, Ângelo Calmon de Sá, disse ontem que o impasse com a Inglaterra a propósito de financiamentos à importação, "na prática, sempre esteve superado" porque, enquanto a maioria dos países-membros do Clube de Paris suspendeu a concessão de novos créditos após o pedido de renegociação do Brasil, os dois únicos que mantiveram o fluxo creditício foram os Estados Unidos e a Inglaterra.

Com isso, disse Calmon de Sá, a Inglaterra crescerá em volume de recursos aplicados no Brasil. A recusa britânica de participar do **pacote** negociado pelo Brasil com o Clube de Paris origina-se, segundo Calmon de Sá, em que a parcela que foi destinada aos britânicos representa um valor muito acima do seu volume real de comércio com ao Brasil e que, por isso, ela não visava o Brasil e sim a seus parceiros no clube, para que eles diminuam sua cota.

Quanto ao pagamento da dívida

deste ano, ela não deverá constituir problema, afirmou Calmon, pois está certa a assinatura do **empréstimo-jumbo** ainda este ano (o contrato será firmado dia 29, segundo o jornal **Financial Times**) com o desembolso devendo ocorrer uma semana depois. Calmon de Sá disse que a data limite de 31 de dezembro para que os créditos atrasados sejam considerados **non performing** não é definitiva, porque a **fed** admite que as operações liquidadas até 5 ou 6 de janeiro possam ser contabilizadas como dívidas regulares. O Brasil já terá recebido e pago o que deve até o fim da primeira semana de janeiro.

Quanto à economia nacional no próximo ano, o presidente do Banco Econômico prevê que apenas no segundo semestre haverá uma retomada no crescimento e que o fator que mais influirá na recuperação econômica nacional será a volta do desenvolvimento das economias européias.